

Macabéa

Revista Eletrônica do Netlli, Volume 3, Número 1, Dez. 2014

MAIS QUE IMPRESSÕES: A PRESENÇA DOS PENITENTES CARIRIENSES EM TEXTOS QUE INVENTAM O BRASIL E O CARIRI



MORE THAN IMPRESSIONS: THE PRESENCE OF CARIRI'S PENITENTES IN TEXTS THAT INVENT BRAZIL AND CARIRI

CÍCERO DA SILVA OLIVEIRA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, BRASIL

TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
AUTOR CONVIDADO • TEXTO APRESENTADO NO II COLÓQUIO NACIONAL DE PESQUISA EM
CULTURA POPULAR

Texto integral

Introdução

Neste artigo proponho refletir sobre algumas impressões acerca dos penitentes do Cariri cearense registradas nos diários de Francisco Freire Alemão e

nos escritos de Irineu Pinheiro e J. de Figueiredo Filho levando em consideração o *lugar social* dos autores e sua inserção em projetos de invenção dos espaços nacional e regional entre meados do século XIX e as primeiras décadas da segunda metade do século XX.

De imediato pode ser notado que parto do pressuposto divulgado por Michel de Certeau no qual afirma que

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados etc. ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em razão desse lugar que se instauram os métodos, que se delinea uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam¹.

Entretanto, devo considerar que as características atribuídas por Certeau à historiografia podem ser aplicadas a outras produções escritas como diários de viagem e textos memorialísticos. Essa perspectiva é visível neste artigo.

Admitindo que toda e qualquer produção possui vínculos notáveis com o *lugar social* dos seus autores, penso igualmente no jogo de interesses presente na elaboração dos discursos. Com isso, a noção de invenção presente, por exemplo, em Durval Muniz de Albuquerque Júnior, ganha relevância para a compreensão proposta por esta narrativa.

Assim, os discursos (independentemente do seu tipo) inventam a realidade, visto que

A evidência é produto de uma certa vidência, é construção de uma forma de ver, de uma visibilidade e de uma dizibilidade social e historicamente localizada. É o próprio conceito, é o discurso lançado sobre a empiria que o transforma em evidência. Nada é evidente antes de ser antes de ser evidenciado, ressaltado por alguma forma de nomeação, conceituação ou relato. Os documentos são formas de enunciação e, portanto, de construção de evidências ou de realidades. A realidade não é uma pura materialidade que carregaria em si mesma um sentido a ser revelado ou descoberto, a realidade além de empírica é simbólica, é produto da dotação de sentido trazida pelas várias formas de representação. A realidade não é antes do conceito, é um conceito².

Nessa perspectiva, se os discursos de Freire Alemão, Irineu Pinheiro e J. de Figueiredo Filho contribuíram para invenção do Brasil e do Cariri cearense, os historiadores ao operarem o deslocamento que transforma seus textos em fontes históricas promovem uma re-invenção desses espaços a partir dos temas anteriormente abordados sob perspectivas forjadas no presente. A história, portanto, está inscrita entre a série de discursos que inventam a realidade.

Reconhecendo que a interioridade dos textos possui vínculos indissociáveis com o *lugar social* dos autores, procurei neste artigo, como opção metodológica, trazer à luz tais aproximações. Contudo, essa não é a única articulação revelada aos longos das páginas que seguem.

Pensar que o *lugar social* dos autores exerce papel significativo na elaboração de discursos que inventam a realidade é admitir igualmente que discursos e autores são estruturados e estruturantes do real a um só tempo. Nessa complexa relação, as memórias dos sujeitos podem subsidiar o surgimento de uma memória oficial acerca de um determinado tema. Portanto, revelam-se frágeis as distinções entre memória individual e memória social. O que Freire Alemão, Irineu Pinheiro e J. de Figueiredo Filho materializaram em textos a partir das experiências e lembranças individuais com os penitentes caririenses constituiu-se como uma memória dos grupos integrados pelos seus autores e de outros tantos sob suas influências. Anunciada brevemente acima, essa perspectiva dá sustentação a narrativa que ora apresento.

Os diários de Freire Alemão: os penitentes do Cariri cearense nos escritos que inventam o Brasil

Estando nós dormindo (a casa é na praça e muito próxima à igreja), ouviu-se depois da meia-noite (era sábado) oração cantada na igreja. Era o canto forte, entoado, monótono, grave e que me infundia sentimento religioso mas, atentando-se bem ouvia-se também tinido de disciplina, então cresceu ao sentimento religioso certo horror.

(Francisco Freire Alemão, povoação de Venda, Cariri cearense, em 03-XII-1859)

As portas estavam cerradas. Era noite. Há noites nas quais o descanso mais do que justo torna-se imperativo. Naquele momento, as redes dispostas relativamente próximas umas das outras embalavam em movimentos estreitos os corpos cansados. Enquanto isso, imagens mentais dos últimos acontecimentos povoavam aquele fim de função. Muito provavelmente, algumas previsões sobre os próximos dias e paragens tinham espaço naqueles instantes breves. Quando o sono finalmente venceu a todos, alguma conversa foi deixada sem conclusão e pelas frases sem respostas os diálogos foram transformados em monólogos.

Bruscamente, o silêncio construído aos poucos foi quebrado e o sono tão urgente interrompido sem maiores dificuldades. Sons monótonos invadiram dispensando licenças. Sua origem era praticamente inquestionável. De súbito, as redes foram abandonadas e a opção pelos passos rápidos fez com que a pequena distância entre o local de descanso e a fonte do barulho incômodo e atraente, já suprimida pela voz e audição, fosse também abreviada pelos corpos em movimento.

Se o quarto de dormir foi tomado apenas pelos sons dos cânticos, do lado de fora da residência que servia de hospedaria, outros barulhos eram insinuados e sua procedência tida por certa pode ser identificada: partiam da igreja. Os últimos ruídos só foram perfeitamente reconhecidos quando dois daqueles que haviam percebido a direção dos barulhos cuidadosamente haviam se aproximado do templo. Rememorando experiências e ansiando respostas à curiosidade não suprida em outra ocasião, da calçada da igreja era possível dissipar aquele mistério: os penitentes, com seus cânticos e disciplinas³, mais uma vez interrompiam o silêncio das noites do Cariri cearense e perturbavam o breve descanso dos visitantes. Naquele momento, todos os recém-chegados já estavam de pé, atentos aos detalhes do instante e na expectativa dos vindouros.

Pois bem, naquela madrugada caririense, os cânticos, denominados benditos, permaneciam audíveis para os estrangeiros em todo o tempo, chegando por vezes a tornar imperceptível o barulho repulsivo das lâminas flagelantes umas contra as outras. De volta ao descanso obstruído e às redes abandonadas, os visitantes não cessavam de refletir de forma particularizada sobre aqueles homens que feriam as suas carnes de forma despudorada.

Partindo da Vila de Lavras em 03 de dezembro de 1859, às quatro e meia, os membros da Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte⁴, chegaram à povoação de Venda em poucas horas de viagem. Na localidade pousaram por volta das oito e meia, mediante pagamento de aluguel, em uma casa próxima da igreja. Rapidamente aquela residência foi preenchida por muitos homens e algumas crianças não menos curiosas que os adultos. Em meio à troca de olhares atentos, palavras em forma de perguntas e respostas cruzavam a sala para atender as necessidades dos nativos e cientistas. Era comum aos moradores das vilas e povoações visitadas apresentarem seus problemas de saúde aos estrangeiros recebendo o atendimento ansiado. Em alguns casos, era possível que o socorro fosse prestado nas residências dos que sofriam. Naquele dia, entretanto, aqueles homens a serviço da ciência e de um projeto político nacionalista discutido adiante de forma breve, muito provavelmente não imaginassem que depois da meia-noite, madrugada de sábado para o domingo, presenciariam um espetáculo digno de registro nos Diários de Viagem de Francisco Freire Alemão (1797-1874), o presidente daquela Comissão, que inspiram esta parte desta narrativa⁵.

Se há não muitos minutos atrás, membros da Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte haviam identificado de forma intermitente alguns dos sons produzidos pelos penitentes, aquela madrugada ímpar da primeira semana de dezembro de 1859 ainda reservava experiências que talvez evitassem, mesmo que excitados pela curiosidade.

Não era preciso agora, naqueles instantes, que eles, os cientistas, penetrassem no espaço sagrado da igreja anteriormente confirmado para ter diante de si os penitentes encenando parte significativa dos seus rituais; um dos flagelantes estava agora às suas portas, clamando por esmolas e padre-nossos em meio aos benditos incessantes. De acordo com Freire Alemão,

Levantaram e saíram a vê-lo e darem-lhe alguma esmola o Lagos, o Reis e Manoel. O quadro era medonho no escuro da noite. Viram um homem pardo, de constituição atlética, nu, tendo só a ceroula e esta arregaçada até o alto das coxas, com uma grande pedra na cabeça e na mão um tijolo com que batia nos peitos com tanta força, que a mim, que estava na minha rede, parecia que batia no chão e ao mesmo tempo continuava suas lamentações medonhas, às vezes acompanhadas de grande pranto. Deram-lhe a esmola e fizeram algumas questões a que respondia; mas se perguntavam quem era, dizia: “Sou um pobre penitente”. Havia já se disciplinado muito e clamava que já não podiam com a disciplina⁶.

Não há informações no relato até aqui explorado sobre as horas seguintes antes do raiar do sol. Talvez também jamais se conheça as perguntas elaboradas e as respostas ofertadas naquele diálogo entre os curiosos cientistas e “um pobre penitente” caririense. Perdas são sempre inevitáveis nos relatos.

Contudo, sob a luz da manhã fazia-se urgente adentrar ao templo de onde ouviram os primeiros sons que, inclementes, tiram-lhes o sono na noite anterior. Manchas de sangue coloriam irregularmente as paredes da igreja ainda sem teto, porque em construção, e no chão algumas poças não haviam sido absorvidas pela terra do espaço sagrado.

Os rituais dos penitentes conforme descritos eram encenados no interior do templo ou pelas ruas, chegando a uma aproximação razoável das residências. Os flagelantes usavam para açoitar seus corpos tanto disciplinas, como outros instrumentos contundentes ou cortantes – acima aparece referência a tijolos e pedras. Se na Vila de Lavras usavam casacos ou lençóis para cobrir os corpos seminus, na povoação de Venda as ceroulas erguidas até as coxas puderam ser notadas. O primeiro registro de Freire Alemão sobre o tema, datado de 25 de novembro de 1859, indica os rituais sendo encenados em uma sexta-feira, mas ocorre também na narrativa que eles poderiam ser realizados aos sábados, tal é o caso do dia 03 dezembro daquele ano, conforme mencionado. Mais invariantes, permanecem os cânticos e os sacrifícios dos corpos parcialmente desnudados para os rituais, deixando marcas visíveis no espaço e ampliando consideravelmente o número de atingidos pela cena, tornando mais abrangente a experiência daqueles instantes.

As narrativas de Freire Alemão, a um só tempo, revelam aspectos dos rituais de penitentes do Cariri cearense observados por alguns membros da Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte, bem como sugerem formas de

interpretações impostas àqueles sujeitos e suas práticas flagelantes. Não são ocultas do seu texto, porém, as sensibilidades daquelas que mantiveram contato direto ou indireto com aqueles penitentes em seus rituais.



Acreditando que interpretações e sensibilidades estão relacionadas de forma substancial, embora não exclusiva, ao *lugar social* dos sujeitos envolvidos, julgo necessário abordar com brevidade o processo de constituição da Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte vinculada ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)⁷.

Em texto bastante esclarecedor, o professor Manoel Luiz Salgado Guimarães reconstrói os caminhos que levaram à fundação do IHGB e disserta sobre como a produção dos saberes daqueles anos e daquele Instituto estavam vinculados ao projeto político nacionalista do Império Brasileiro no seu Segundo Reinado (1840-1889). O IHGB instalado de forma definitiva em 21 de outubro de 1838, com o passar dos anos aproximava-se cada vez mais do governo central do Brasil e adquiria respaldo como a instância privilegiada de produção da verdadeira história nacional⁸.

Ainda para Manoel Salgado, o *outro* do Brasil não era apenas uma presença interna, negra e índia, a ser conhecida: era igualmente uma vizinhança latino-americana associada à desordem republicana da qual o Brasil precisava também estabelecer diferenças históricas, geográficas e políticas, dentre outras. A Corte e mais precisamente o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) revestiam-se, portanto, do projeto intelectual e romântico da construção de uma identidade nacional unívoca sob as palavras de incentivo e as benesses financeiras do imperador Pedro II.

Foi justamente o imperador Pedro II quem presidiu a sessão do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) em 30 de maio de 1856 na qual Manoel Ferreira Lagos (1816-1871), chefe da Seção de Anatomia Comparada e Zoologia no Museu Nacional e oficial-arquivista da Secretaria de Estado dos Negócios, refutou sem meias palavras o texto *Expedition des lés parties centrale de l'Amérique de Sud, de Rio de Janeiro à Lima et de Lima au Para* do Conde Castelnau⁹.

Com o objetivo de estudar a floresta amazônica, o Conde Castelnau empreendeu a expedição que resultou em um “relato monumental, publicado em Paris, de 1850 a 1857, [que] compreenderia a história da viagem em seis volumes de textos e um atlas, e mais oito volumes em 11 tomos sobre geologia, geografia, botânica e zoologia, assim como história”¹⁰. A refutação de Lagos ocorreu por uma suposta distorção e construção de inverdades sobre a realidade brasileira presentes em estudos estrangeiros sobre o Brasil, dentre os quais aquele de Castelnau, especificamente. Deve ser dito que o pensamento de Lagos não era solitário entre os integrantes do IHGB. Portanto, deveriam ser tomadas medidas urgentes para que a realidade brasileira fosse conhecida tal qual era processada cotidianamente nos limites das fronteiras nacionais.

Antes de concluir sua fala naquela sessão de 30 de maio de 1856, Manoel Ferreira Lagos sugeriu que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) solicitasse de d. Pedro II a nomeação de uma comissão constituída por engenheiros e naturalistas para que “as províncias menos conhecidas do Brasil” fossem

exploradas. Teria o grupo de cientistas a “obrigação de formarem também para o Museu Nacional uma coleção de produtos dos reinos orgânicos e inorgânicos, e de tudo quanto possa servir de prova do estado de civilização, indústria, usos e costumes dos indígenas”¹¹. A Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte (o Norte eleito como “a parte menos conhecida do Brasil”) foi criada pela Lei nº. 884 de 1º. de outubro de 1856, seus trabalhos, porém, foram iniciados apenas em 1859.

A Comissão Científica de Exploração, ou “Comissão das Borboletas” pejorativamente alcunhada por seus opositores, foi dividida em cinco seções, cada uma delas sob responsabilidade de um renomado sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), a saber: Seção Geológica e Mineralógica, sob às ordens de Guilherme Schüch de Capanema (1824-1906); Seção Zoológica, dirigida por Manoel Ferreira Lagos (1816-1871) – o mesmo que sugeriu a criação da Comissão; Seção Astronômica e Geográfica, sob à responsabilidade de Giácomo Raja Gabaglia (1826-1872); Seção Etnográfica e Narrativa da Viagem, coordenada pelo poeta Gonçalves Dias (1823-1864); Acumulando as funções de líder da Seção Botânica e presidente da Comissão, Francisco Freire Alemão (1797-1894).

Se a proposta inicial da criação da Comissão Científica de Exploração é tornada conhecida após a refutação pública das palavras dignas de nenhum crédito do Conde Castelnau, era preciso, portanto, a partir daí encontrar a “verdade” brasileira.

As dificuldades encontradas para a construção de uma identidade nacional unívoca, contudo, não devem ser resumidas às de ordem da capacidade técnica e intelectual dos envolvidos na empresa, nem tão pouco àquelas que estavam relacionadas aos recursos financeiros para os equipamentos necessários e viagens de exploração. Havia considerável distanciamento entre as províncias, talvez muito mais da ordem de reconhecimento de pertença a uma totalidade nacional do que as reconhecidas distâncias geográficas. Portanto, se os membros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro respondiam às questões da diversidade étnica nacional com a ideia de progresso, precisavam ainda conviver com esse outro problema de difícil solução exposto, por exemplo, nas páginas do jornal *Minerva Brasiliense* na sua edição de novembro de 1843. Somente ao Instituto cabia encontrar a resposta para essa, até então, insolúvel equação¹².

Resta dizer que a escolha da Província do Ceará (de fato, a única que foi visitada pela Comissão), de acordo com o historiador Paulo César dos Santos, não estava vinculada ao problema das secas abordado como uma característica indelével do Norte somente a partir da emergência do Nordeste em finais do século XIX e início do século passado¹³. Provável é que a escolha tenha ocorrido devido à influência de estudos anteriores que indicavam a presença de riquezas minerais e naturais na Província, capazes de suprir algumas necessidades desde há muito urgentes da indústria nacional – estava em voga o discurso acerca do “*eldorado cearense*”. De qualquer forma, a eleição do Ceará para início dos trabalhos da Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte já era certa no início de 1857 e em 04 de fevereiro de 1859, Fortaleza finalmente recebia com grande expectativa os membros e equipamentos da Comissão patrocinada pelo imperador Pedro II¹⁴.

Caracterizada a Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte, é preciso retomar agora o tema dos dois registros que Francisco Freire Alemão deixou acerca dos penitentes do Cariri cearense datados de 25 de novembro (Vila de Lavras) e 03 de dezembro de 1859 (Povoação de Venda), ambos já referidos preliminarmente.

No primeiro deles, além do dia da semana escolhido para os rituais (sexta-feira), dos espaços destinados para sua encenação (no interior do templo católico), da interdição experimentada (o vigário ordenou que o coro fosse fechado aos penitentes), do (re)encontro dos penitentes com os espaços ao ar livre (a disciplina era praticada na praça), do período do dia reservado à prática (de noite), Freire Alemão não deixa claro se houve contato visual ou mesmo diálogos entre os membros da Comissão e aqueles penitentes.

Muito provavelmente seu relato foi construído a partir de informações prestadas e mantidas anônimas nos seus Diários conforme sugere parte da sua narrativa: “**Dizem-nos** que são de ordinário gente dos matos, homens e mulheres, mulatos, cabras, pretos e não sei se brancos também; vão com o corpo nu para a igreja”¹⁵ (Grifos meus). No domingo 27, portanto dois dias após o coro ser fechado aos penitentes, o presidente da Comissão lamenta: “Senti, quando fui à igreja, achar já o coro fechado porque ia ver o como se achava emporcalhado pelo sangue dos penitentes. O assoalho e paredes, **dizem os que lá foram**, estão cheios de sangue. É isto singular aqui é no Crato”¹⁶ (Grifos meus).

O relato de 03 de dezembro ocupa mais espaço no diário de Freire Alemão porque mais rico em detalhes. Retomo agora a transcrição das anotações daquela data apenas parcialmente citadas acima:

Este modo de penitência foi aqui introduzido, creio que há dois ou três anos por um padre Agostinho, fanático religioso que o deixamos na capital. Quando ele pregou por estes sertões, se exaltou de tal modo o sentimento religioso do povo, que não se via senão penitência por toda a parte: nos templos, nas casas, pelos matos; parece que algumas mulheres morreram em consequência da abstinência e dos jejuns. Os penitentes reuniam-se nas praças (não cabiam nas igrejas), aí se disciplinavam horrivelmente. Faziam procissões rezando e disciplinando-se.¹⁷

A interpretação de Freire Alemão sobre os penitentes e suas práticas indica ainda que

Muitos escarnecem dessa gente e os têm por facínoras, hipócritas, ladrões etc. etc. Asseguram que na noite de penitência há sempre algum roubo de cabras e galinhas etc. etc, que voltando da igreja vão para a casa de suas amásias, que lhes lavam os cortes etc. etc. **É isso possível** e creio que muitos são levados a isso por remorsos de grandes crimes; mas é também possível que a

Portanto, os Diários que têm fomentado parte substancial dos diálogos até o momento desenvolvidos nesta narrativa, registram encontros, sensações e pensamentos do seu autor acerca dos penitentes do Cariri cearense e seus rituais em meados do século XIX. Os sentimentos ou sensações vão do religioso ao horror e as estes foi acrescido “mais horror ainda” quando um dos penitentes estava à sua porta – a distância sempre existente era naquele instante demasiado pequena e desconfortável. Suas análises classificatórias incluem os flagelantes entre os representantes de uma religiosidade irracional (“são fanáticos”) e sem rigidez nos valores morais, afinal é possível que as muitas vezes que “escarnecem dessa gente e os têm por facínoras, hipócritas, ladrões, etc. etc.” e atribuem a ela intimidades com “amásias” tenham razão. Assim, tais práticas só poderiam ter sido introduzidas na região (ele não está certo quanto ao tempo preciso daquela recente emergência) por um líder fanático, o padre Agostinho acerca do qual as informações são vagas e imprecisas. Ainda para Freire Alemão, as práticas penitenciais eram estimuladas ou por remorsos, ou por exacerbação indevida dos sentimentos religiosos que nele, cientista, obedecia a moderação sugestiva da racionalidade.

São encontros mediados quase na sua totalidade pela audição. De forma explícita, os Diários não indicam que seu autor havia mantido contato visual ou travado diálogos com os penitentes; ele apenas “ouvia” os cânticos, os lamentos, tentava identificar com clareza os sons das disciplinas, nem sempre obtendo sucesso. Seus registros dependeram consideravelmente das informações que outros membros da Comissão e moradores das localidades visitadas podiam fornecer.

Os contatos entre os membros da Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte e penitentes do Cariri cearense, entretanto, sugerem outras dimensões. Se nos seus relatos Freire Alemão aponta semelhanças entre a Província do Ceará e o Rio de Janeiro¹⁹, o encontro com os penitentes é estar face-a-face com o estranho, o *in-usual*. Trata-se do embate entre os recursos da Coroa a serviço do projeto de construção da nação e as mãos vazias dos pedintes; o choque entre as sensibilidades educadas e adequadas às exigências do processo civilizador e a exposição imoderada dos sentimentos; disputas entre a lógica da mão hábil à pena e aquelas experientes no manuseio das disciplinas; a manutenção da distância entre o corpo abandonado à rede e aquele entregue à exaustão dos sacrifícios noturnos – este último seminu, visível e dizível; o tenso diálogo entre o desejo de saber que alimenta a escrita e as respostas que se perdem no tempo e no espaço; a oposição entre o movimento patrocinado pela ciência e a circulação obrigatória de quem experimenta os interditos.

Portanto, devo concordar com o historiador Alain Corbin quando afirma que “os indivíduos que vivem em um mesmo período [de certa forma] não são contemporâneos”²⁰. Entre os cientistas da Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte e os penitentes por eles observados existiam diferenças

notáveis nas “representações de si”. Os primeiros inscreveram o saber porque detentores da palavra mítica e longeva sobre os penitentes anônimos que diziam de si apenas: “Sou um pobre penitente”²¹.

Irineu Pinheiro, J. de Figueiredo Filho e o decreto de extinção dos penitentes do Cariri moderno

*Por me ter referido a procissões de penitentes, mui
comuns antigamente no sul do Estado, relembro uma
a que assisti no Crato, de noite, dentro de casa, as
rótulas fechadas, um frio de terror a coar-me a alma de menino.*

(Irineu Pinheiro, Crato-CE, meados do século XX)

Avanço abrupto no tempo e o Cariri cearense e os seus penitentes ainda estão sob observação: “Na sala de visitas, cujas luzes se haviam apagado, alguns dos presentes procuravam ver por entre as fasquias das rótulas o préstito que passava na rua cheia do tinir dos ferros das disciplinas e do clamor angustioso dos devotos”²². As portas estavam cerradas. Era noite.

O historiador do Cariri e caririense Irineu Pinheiro (1881-1954) narra no texto parcialmente transcrito acima de *O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes*, cuja primeira edição data de 1950, um encontro que manteve na sua infância com uma procissão de penitentes que desfilava suas angústias e disciplinas nas ruas do Crato.

Irineu Nogueira Pinheiro era médico de formação e, por opção, arguto historiador do Cariri cearense durante boa parte da sua produtiva existência. Leitor contumaz, observador atento, ouvinte cuidadoso e pesquisador incansável publicou textos considerados obras de referência para os estudiosos sobre aquela região sul-cearense. Suas obras de maior destaque são: *O Joaseiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914* (1938), *O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes* (1950), *Efemérides do Cariri* (publicação póstuma de 1963) e, a quatro mãos com J. de Figueiredo Filho, *A Cidade do Crato* (1953)²³.

Não raro em seus escritos podem ser encontradas transcrições integrais de fontes primárias que ele encontrava nos cartórios, secretarias paróquias e acervos pessoais de destaque na região e para além de suas fronteiras geográficas. Certamente, o papel de destaque que gozava entre as elites intelectuais e econômicas caririenses contribuía para que portas fossem abertas aos seus intentos. No seu exercício de historiador, Dr. Irineu Pinheiro não se furtava de ter em mãos documentos ou outros quaisquer objetos que pudessem comprovar os fatos que ansiava narrar.

Antônia Otonite de Oliveira Cortez afirma que Irineu Pinheiro integrou o corpo de “especialistas da produção cultural” da cidade caririense do Crato que durante o século XX deu continuidade ao processo de invenção do Cariri cearense

iniciado no final do século XIX²⁴. Para aquela historiadora também cratense, desde a divulgação do milagre ocorrido em *Joazeiro*²⁵, na primeira sexta-feira do mês de março de 1889, período da Quaresma, os intelectuais da sua cidade daquele fim de século procuraram formas imagéticas e discursivas de estabelecer diferenças entre a municipalidade cratense e o Juazeiro (então um rústico povoado pertencente ao município do Crato).

Nesse desígnio, os arquivos são vasculhados e as narrativas memoriais dos mais velhos valorizadas, pois falam dos grandes feitos dos mais ilustres cratenses cujas trajetórias podem ser comprovadas pela existência de documentos dignos de todo o crédito. Portanto, acontecimentos, sujeitos e datas são de grande interesse naquela produção historiográfica.

Juazeiro era o seu *outro*, antro de fanáticos religiosos, miseráveis *des-territorializados* com suas genealogias perdidas. O povoado não encontrava reflexo para sua imagem na grandeza do município que o continha e, talvez, em nenhuma outra parte do presente, senão em um passado remoto caracterizado pelo primitivismo intelectual, social e evidentemente religioso que a modernidade precisava ainda combater com toda a dedicação e com todas as armas disponíveis – e, isto não é apenas uma metáfora. Aqueles intelectuais fizeram das páginas dos periódicos cratenses um importante veículo para o estabelecimento das diferenças entre Crato e Juazeiro, com destaque para as polêmicas promovidas pelo cratense *Correio do Cariri* (circulou entre 1904-1911) e respondidas pelo jornal de Juazeiro, de sugestivo nome, *O Rebate*²⁶.

Irineu Pinheiro é a um só tempo herdeiro daquela geração de intelectuais. Na história que escreveu o Crato ainda podia ser visto como modelo de “adeantamento moral e material do Cariri”, para usar uma expressão sua. Mas, de qualquer forma, como bem observa Otonite Cortez, há um sensível deslocamento nos discursos dos “especialistas da produção cultural” daquela geração de Irineu Pinheiro: o Cariri deteve sua atenção e preencheu muitas páginas dos seus escritos. Mais uma vez a produção cultural da região dialogava com as tendências nacionais; nos anos 1960 estava em voga a preocupação com o regional incentivada pelos governos desenvolvimentistas²⁷.

Para a historiadora Jane Semeão e o historiador Cláudio Gonçalves a produção dos “especialistas” mencionados por Otonite Cortez constitui mesmo uma “(re)invenção do Cariri”²⁸. Nesse processo, merece destaque a criação, em 04 de outubro de 1953, do Instituto Cultural do Cariri (ICC)²⁹. Sua finalidade fica nítida no ato da sua fundação: “... o estudo das Ciências, Letras e Artes em geral, e especialmente da História e da Geografia Política do Cariri”³⁰

O Dr. Irineu Pinheiro foi escolhido como o primeiro presidente do ICC.

O homem que escreveu suas memórias acerca das suas sensações infantis diante de uma procissão de penitentes nas ruas do Crato era integrante desse grupo que *re-inventou* o Cariri em meados do século passado. Era um intelectual que manuseava vários recursos pertencentes ao universo dos que dominam a escrita. Esse era o seu *lugar social*.

Irineu Pinheiro informa nos textos citados preliminarmente que “Por me ter referido a procissão de *penitentes*, mui comuns antigamente no sul do Estado, relembro uma a que assisti no Crato, de noite, dentro de casa, as rótulas fechadas, um frio de terror a coar-me a alma de menino”. Algumas horas depois à procissão, “No dia imediato viam-se grossos pingos de sangue nas lágimas das calçadas, no patamar, no piso e nas paredes da Matriz. Em uma dessas paredes desenhava-se, nitidamente, a mancha vermelha das costas de um dos flagelados”³¹.

O que significava para ele “assistir” aquela procissão? Ouvir os clamores angustiados dos penitentes? Identificar o tinir das disciplinas? Ver com alguns adultos por entre “as fasquias das rótulas”? Não é possível para mim através do seu texto responder a essas questões. Da mesma forma que é difícil atribuir significado único ao “assisti” por ele proferido, torna-se complicado não ponderar mais de uma possibilidade quando Irineu Pinheiro afirma “viam-se”. Uma coisa certa: para quem costumava conjugar nos seus escritos verbos em primeira pessoa (“vi”, “li”, “ouvi”, “conversei”, “tive nas mãos”) sempre de forma enfática, “viam-se” ao invés de “vi” justifica alguma dificuldade de interpretação.

Ouvidos certamente, vistos talvez, aqueles penitentes encenando seus rituais nas escuras ruas do Crato inventavam espacialidades. As sólidas paredes não conseguiam deter os sons e o que era externo estabelecia insegurança para quem declarava a casa ambiente inviolável. Não era preciso que os olhos vissem para que a alma sentisse terror. O corpo também sofria aquela experiência, o alargamento do espaço que a procissão dos penitentes provocava. A alma e o corpo do dicotômico, Dr. Irineu Pinheiro, responderam, portanto, à fluidez das fronteiras.

Sensibilidades educadas de acordo com um padrão sociocultural alheio às experiências dos penitentes, aquele intelectual pode falar do que sentia, revelar aquilo que o “outro” era, o passado deste e o futuro das suas práticas tal é o poder da ciência e da escrita.

Mas, afinal o que faz em meio aos elementos escolhidos em prol da “valorização do Cariri”, a presença aterrorizante dos penitentes? Como relatar a persistente presença do “atraso” no seio da modernidade? Há solução para essa aporia? É preciso justificá-la. Da história vem a resposta.

O historiador Irineu Pinheiro afirma que “Sempre houve no Cariri, inda hoje existem em alguns municípios, *companhias de penitentes*, que se fustigam com disciplinas de ferro, às horas mortas da noite”. Contudo, a ocorrência de irmandades de penitentes no Cariri cearense não é emblema de uma exclusividade negativa visto ser “Muito longínquo, no Brasil, o hábito dos homens se disciplinarem por penitência”³². O Cariri, portanto, não é o único que sofria o horror daquela presença.

A temporalidade por ele adotada indica que a modernidade tratava aos poucos de extirpar da sociedade os penitentes e seus rituais; o “antigamente” das “**mui comuns** procissões de penitentes do sul do Estado” estava sendo superado “pela presença atual de *companhia de penitentes apenas* em alguns municípios” (grifos meus).

Dessa forma, se a presença de penitentes não tornava o Cariri um lugar qualitativamente inferior aos demais, ainda era possível afirmar que sua filiação ao moderno podia ser comprovada pela superação das antigas formas de vivenciar aquela expressão de religiosidade primitiva. Em outras palavras, para Irineu Pinheiro os penitentes estavam em vias de extinção dentro dos limites geográficos do Cariri cearense.

Em *O folclore no Cariri* (1960), J. de Figueiredo Filho, outro “especialista da produção cultural”, contemporâneo de Irineu Pinheiro, afirma “Depois de passarmos revista em atraente motivo folclórico [Dança do pau-de-fita], dos mais bonitos, por sua variedade, com jovens a dançarem, fitas de côres e orquestras, iremos entrar em terreno bem sinistro”. O tema abordado por ele na sequência “Só o nome faz arrepiar os cabelos da gente” (*sic*). Contudo, naqueles dias “graças a Deus, estão praticamente extinto do panorama caririense”. Ele falava dos penitentes, “... fruto do falso misticismo, exacerbado por religião mal compreendida. Em Crato mesmo, cabeça pensante da região, já medrou irmandade de penitentes”. Porém, ele continua, “Presentemente, êsses castigadores de si mesmo, por motivos de misticismo exagerado, refugiam-se em Jardim e tendem a desaparecer”³³.

Em Figueiredo Filho, portanto, havia oposição indiscutível entre as cores e sons, a juventude e a dança presentes no pau-de-fita e o aspecto sinistro e horripilante dos penitentes em seus rituais obscuros. Os penitentes, conforme sua visão, eram de todo ignorantes (não compreendiam os verdadeiros princípios religiosos) e incapazes de controlar seus sentimentos (neles tudo era exacerbação e exagero). A sentença decretada pelos “especialistas da produção cultural”, responsáveis pela (re)invenção do Cariri, nesse caso, só poderia ser uma: os penitentes eram refugiados do passado no mundo moderno, seu desaparecimento é uma tendência e, por isso, o Deus da verdadeira religião deveria ser louvado. A modernidade e o Cariri não mais suportavam aquela presença, os penitentes experimentavam os limites de ambos, tempo e espaço. Jardim (última fronteira caririense) era também seu último estágio antes do desaparecimento completo.

Na recente produção historiográfica sobre os penitentes do Cariri cearense e (re)invenção do espaço regional, o pensamento da historiadora Cicera Patrícia Alcântara Bezerra³⁴ encontra-se visivelmente em sintonia com as elaborações de Otonite Cortez, acima citada. Entretanto, Patrícia Bezerra segue:

Neste sentido, surge a necessidade de coleta e de investigação de um arcabouço documental e bibliográfico que privilegiasse elementos considerados folclóricos e que, devidamente selecionados, serviriam para legitimação do Cariri como espaço eminentemente cultural. Porém, como todo processo de seleção, este se fazia naturalmente pela exclusão de *outros* que não compreenderiam em torno de si os aspectos requeridos, e um desses, era exatamente as Irmandades e as ordens de penitentes³⁵.

Dito assim, a sentença de extinção proferida contra os penitentes por aqueles “especialistas da produção cultural”, cujo eco pode ser encontrado também em Freire Alemão quando afirmava já em 1859 que em alguns pontos do Cariri a penitência já havia “acalmado muito” e em outros “cessado de todo”³⁶, faz parte de um conjunto mais amplos de discursos que inventam uma espacialidade moderna denominada de Cariri cearense também pela exclusão do seu *outro* ainda que contido na sua interioridade. O Cariri moderno não era mais espaço para os penitentes e seus rituais.

Interpretando por outro aspecto, o estudo da invenção de uma região pela estereotipia, multiplicação e repetição de discursos³⁷, pode revelar as disputas entre distintas “representações de si” forjadas pelos atores envolvidos. Expressando de outra maneira, sensibilidades podem ser também desvendadas pela investigação dos discursos e imagens que fundam espacialidades. À vista, portanto, os intelectuais que “sabem” da futura e próxima extinção dos penitentes que, por sua vez, não reconhecem a sua condição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Separados por algumas décadas e uma virada de séculos os escritos de Francisco Freire Alemão e dos intelectuais do Cariri cearense Irineu Pinheiro e J. de Figueiredo Filho, de produções contemporâneas, narram encontros e impressões acerca de alguns sujeitos membros de irmandades de penitentes do Cariri cearense e suas práticas religiosas.

Deve ser destacado que o *lugar social* dos observadores e analistas fundamenta a elaboração das suas interpretações sobre o observado bem como sugere as sensações diante dos rituais dos penitentes registradas em seus escritos.

Em outro sentido, a inserção daqueles autores em instituições que congregavam intelectuais de diversos campos de saber, filiadas a projetos políticos responsáveis pela invenção da nação e do Cariri cearense, faz das narrativas de suas experiências e memórias pessoais instrumentos da constituição de uma memória oficial e duradoura porque escrita.

O presidente da Comissão Científica de Exploração das Províncias do Norte bem como os intelectuais caririenses em destaque deixaram registrado por escrito ou ilustrado através de desenhos o visto, o ouvido, as suas sensações. No caso específico de Irineu Pinheiro e J. de Figueiredo Filho o acesso ao escritos de Freire Alemão e a outros textos do século XIX que tiveram os penitentes do Cariri cearense e seus rituais como tema também foi importante recurso para elaboração das suas impressões acerca da mesma temática.

Dessa forma, o oral e o escrito, o objetivo e o subjetivo, a racionalidade e as sensibilidades, o individual e o coletivo, as reminiscências e a memória oficial aparecem de forma indissociável nos autores em destaque.

Os discursos dos autores que fomentaram este artigo possuem visíveis aproximações entre si dentre as quais pode ser citada a referência à extinção breve

das irmandades dos penitentes do Cariri cearense. Não comprovado o que fora decretado pelos intelectuais Freire Alemão, Irineu Pinheiro e J. de Figueiredo Filho, ou seja, ainda em nossos dias existem penitentes organizados em irmandades em diversos municípios caririenses, surge uma nova produção intelectual que investe seus talentos para pensar os penitentes e seus rituais na região. Portanto, trata-se de uma re-invenção dessa memória sob novos pressupostos teórico-metodológicos e a partir de *lugares sociais* que sugerem a existência de novos projetos políticos para a nação e a região.

Este artigo, como integrante de uma pesquisa sobre os rituais da irmandade de penitentes do Genezaré, município de Assaré, no Cariri cearense, é percebido reflexivamente como parte de um amplo contexto de produção, na sua versão contemporânea, acerca das diversas experiências religiosas na região e dos penitentes caririenses e seus rituais especificamente. Logo, é parte da re-invenção continua da região e da nação empreendida também por historiadores.

Notas

- 1 CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011, p. 47.
- 2 ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Da terceira margem eu so(u)rrio: sobre história e invenção. *In:_____.. História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da história*. Bauru, SP: EDUSC, 2007. p. 25.
- 3 De acordo com Freire Alemão, que os instrumentos de flagelo denominados disciplinas “... são formadas de lâminas de ferro, três ou quatro cortantes e afiadas pela margem: e são desta forma e tamanho para mais ou menos enfiadas numa argola e suspensa por um tira de couro, ou de outra matéria.” *Ibid.* p. 219
- 4 Mencionada em outros pontos desta narrativa também como Comissão Científica de Exploração ou simplesmente Comissão.
- 5 ALEMÃO, Francisco Freire. Diários de Viagem de Francisco Freire Alemão: Fortaleza–Crato, 1859. Fortaleza: Museu do Ceará, Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2006.
- 6 *Ibid.* p. 218.
- 7 Mencionado no decorrer desta narrativa também como IHGB ou simplesmente como Instituto.
- 8 GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.1, 1998. p. 5-27.
- 9 François Louis Nomparr de Caumont La Force, conde de Castelnau (1810-1880).
- 10 SANTOS, Paulo César dos. **O Ceará investigado: a Comissão Científica de 1859**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2011, p. 35. (Dissertação de Mestrado em História).

- 11 Revista do IHGB, tomo 19 (1856), Suplemento, p.14 *apud* SANTOS *op. cit.* p. 37.
- 12 GUIMARÃES, *op. cit.* p. 14.
- 13 ALBUQUERQUE JÚNIOR. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- 14 SANTOS, 2011.
- 15 FREIRE ALEMÃO, *op. cit.* p. 200
- 16 *Ibid.* p. 202
- 17 *Ibid.* p. 218-219
- 18 *Ibid.* p. 219-220
- 19 *Ibid.* p. 84. (*p. ex.*)
- 20 CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 49, 2005. p. 17.
- 21 CERTEAU, *op. cit.*
- 22 PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Coedição SECULT/URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010. p. 230.
- 23 Constan edições recentes das obras citadas: Coleção Centenário de Juazeiro do Norte (*O Joazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914 – 2011*) e Coleção Nossa Cultura – Série Memória (*O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes, Efemérides do Cariri e A Cidade do Crato*, todas de 2010).
- 24 CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”**: Crato (1889-1960). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. (Dissertação de Mestrado em História).
- 25 DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 (Estudos brasileiros, v.13). Sobre o tema ver ainda: BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A terra da mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1998; NOBRE, Edianne. **O teatro do Deus – As Beatas do Padre Cícero e o Espaço Sagrado de Juazeiro**. Fortaleza: IMEPH, 2011.
- 26 PINHEIRO, *op. cit.* p. 180.
- 27 SILVA, Jane Derarovele Semeão e; GONÇALVES, José Cláudio Leôncio. Instituto Cultural do Cariri: (Re)inventando o espaço do Cariri cearense (1950-1970). **Revista Embornal**. Fortaleza, v. 1. n. 2, 2010.
- 28 *Ibid.*
- 29 À frente denominado também apenas de ICC.
- 30 Ata da sessão de fundação e instalação do Instituto Cultural do Cariri e de eleição da sua primeira diretoria. **Revista Itaytera**, n. 1, 1955, p. 179-180.
- 31 PINHEIRO, *op. cit.* p. 230.
- 32 *Ibid.*
- 33 FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore no Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962. p. 94

34 BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias**: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/Ce. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. (Dissertação de Mestrado em História)

35 *Ibid.*

36 FREIRE ALEMÃO, *op. cit.* p. 219

37 ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2009.

Referências

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaio de teoria da história. Bauru, SP: EDUSC, 2007.

_____, **A invenção do nordeste e outras artes**. 4. ed. rev. São Paulo: Cortez, 2007.

BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. **A terra da mãe de Deus**. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Brasília: INL, 1998

BEZERRA, Cícera Patrícia Alcântara. **Outras histórias**: memórias e narrativas da Irmandade da Cruz – Barbalha/Ce . Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2010. (Dissertação de Mestrado em História)

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. Como Juazeiro do Norte se tornou a Terra da Mãe de Deus: Penitência, *ethos* de misericórdia e identidade do lugar. **Religião e sociedade**. Rio de Janeiro. v. 28, n. 01. Jul 2008

CARVALHO, Anna Christina Farias de. **Sob o signo da fé e da mística**: um estudo das irmandades de penitentes do Cariri cearense. Fortaleza: IMEPH, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 49, 2005.

CORTEZ, Antônia Otonite de Oliveira. **A construção da “cidade da cultura”**: Crato (1889-1960). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. (Dissertação de Mestrado em História).

DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Joazeiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976 (Estudos brasileiros, v.13)

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador** – Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro: Zahar, 1994. (vol. 1.)

FIGUEIREDO FILHO, J. de. **O folclore no Cariri**. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1962

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e civilização nos trópicos: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o projeto de uma história nacional. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n.1, 1998.

MUSUMECI, Leonarda. (org.). **Antes do fim do mundo**: milenarismos e messianismos no Brasil e na Argentina. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

NOBRE, Edianne. **O teatro do Deus** – As Beatas do Padre Cícero e o Espaço Sagrado de Juazeiro. Fortaleza: IMEPH, 2011

OLIVEIRA, Cícero da Silva. **Os Penitentes do Genezaré: fé, cotidiano e tradição**. Fortaleza, LCR, 2011.

PINHEIRO, Irineu. **O Cariri: seu descobrimento, povoamento, costumes**. Coedição SECULT/URCA. Fortaleza: Edições UFC, 2010

SANTOS, Cícero Joaquim dos. **No entremeio dos mundos: tessituras da morte da Rufina na tradição oral**. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, 2009. (Dissertação de Mestrado em História)

SANTOS, Paulo César dos. **O Ceará investigado: a Comissão Científica de 1859**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 2011. (Dissertação de Mestrado em História).

SILVA, Jane Derarovele Semeão e; GONÇALVES, José Cláudio Leôncio. Instituto Cultural do Cariri: (Re)inventando o espaço do Cariri cearense (1950-1970). **Revista Embornal**. Fortaleza, v. 1. n. 2, 2010

SILVA, Jane Derarovele Semeão e. Revista “Itaytera”, natureza e Cariri cearense: a (re)invenção de uma identidade (1955-1980). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**. São Paulo, jun. 2011.

Para citar este artigo

OLIVEIRA, Cícero da Silva. Mais que impressões: a presença dos penitentes caririenses em textos que inventam o Brasil e o Cariri. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 3., n. 1., Jun. 2014, p. 33-50.

O Autor

Cícero da Silva Oliveira é estudante do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Ceará (Uece) em nível de Mestrado na Área de Concentração História e Culturas. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Licenciado em História e Especialista em História do Brasil, ambos pela Universidade Regional do Cariri – URCA.